



**Maleta
Pedagógica**

Eu Sou História e Património

Município de Palmela

Divisão de Património Cultural / Museu Municipal – Serviço Educativo

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

Fernando Pessoa

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Palmela/Museu Municipal de Palmela

INVESTIGAÇÃO/TEXTOS

Serviço Educativo

FOTOGRAFIA

Paulo Nobre

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Jofra

ISBN

978-972-8497-60-6

ÍNDICE

Mensagem ao educador	5
Museu Municipal e o Serviço Educativo	8
Como usar a Maleta Pedagógica	9
Bibliografia	12
Caderno 1 - EU SOU HISTÓRIA	14
1. Eu sou único	21
2. Eu e o tempo	23
3. Era uma vez... Eu!	26
4. Porque me chamo assim?	35
5. Como é a minha família?	36
6. Como cresci?	37
7. A minha história/A história do meu país	38
Caderno 2 - EU SOU PATRIMÓNIO	39
8. Criar laços	48
9. O meu tesouro	51
10. O museu do tempo no mundo	53
11. Os meus lugares... Os nossos caminhos...	56
12. O que é memória?	58
13. Saber ouvir	62
Caderno 3 - CONSTRUO UM MUSEU	69
14. Museu: o que é?	77
15. Construo um museu	81

MENSAGEM AO EDUCADOR

BEM-VINDO!

É com alegria que disponibilizamos esta Pasta Pedagógica, que só faz sentido quando o temos como aliado. Na nossa ação de Educação Patrimonial sentimos, que:

NÃO BASTA:

– Ensinar História e Património Local, falar das personalidades, dos monumentos, dos vestígios históricos da nossa comunidade.

Há que ir mais longe, tornar esse conhecimento mais significativo, permanecendo mais perto...

É NECESSÁRIO:

– Ir ao encontro de cada criança e colocá-la em primeiro lugar e no centro da História e do Património, para que se descubra e se valorize. O Património Coletivo existe, porque existe cada um de nós.



– Todos devem saber que transportam um tesouro que é o seu percurso de vida: sonhos, desafios, ações! Uma História e um Património que deve ser conhecido, valorizado e preservado.

Maria Célia M. Santos, *Museu e Comunidade: uma relação necessária*, *Biológico*, S. Paulo, v.62, n. 2, jul/dez., 2000

“É necessário compreender a História como possibilidade. Sonhar, acreditar, ter utopias, ser sujeito da História e promover a actuação de outros sujeitos da História, possibilitando a construção e reconstrução de múltiplos patrimónios culturais, visando o desenvolvimento social e o exercício da cidadania;

Que o fazer museológico possa produzir conhecimento e esteja impregnado de vida – paixão, desejos, sonhos, troca, objectividade e subjectividade para avaliar os processos museais (...).

Compreendo que são imensas as dificuldades a serem vencidas, quando actuamos assumindo o nosso papel de sujeitos da História (...). Porém é necessário questionar: qual é o papel que nos cabe desempenhar, no museu ou fora dele (...)? O de informar ou de formar sujeitos críticos, participativos, capazes de com criatividade, agir, construir a História? Não vejo outro caminho senão aquele que conduz à acção e à reflexão, porque acredito que a produção do conhecimento também pode ser resultado de um trabalho colectivo”.

Nesta pasta propomos um trabalho baseado numa metodologia participativa ligada à ação, através do qual cada aluno, orientado pelo educador, dará o que sabe, mas sobretudo o que é.

A nossa perspetiva de educação respeita os quatro pilares da aprendizagem definidos para o século XXI: Aprender a SER, a CONHECER, a FAZER e a CONVI-VER, traduzidos nos seguintes OBJETIVOS:

CONHECIMENTOS

- Entender o conceito de História, Património e Museu;
- Conhecer e identificar a História e o Património Individual

ATITUDES

- Auxiliar na descoberta e valorização da riqueza que cada criança traz consigo: História e Património;
- Criar oportunidades para que as crianças se conheçam melhor, aos seus amigos, aos seus familiares e aos seus professores;
- Fomentar a auto-estima e o respeito pelo outro;
- Promover o diálogo entre as crianças e os seus pais, as suas famílias e os seus educadores;
- Desenvolver o sentimento de responsabilidade partilhada e de participação.

COMPETÊNCIAS

- Escrever a sua própria História e preservar o seu Património;
- Utilizar técnicas para investigar a sua História e Património;
- Trabalhar em grupo.

MUSEU MUNICIPAL E O SERVIÇO EDUCATIVO

VISÃO

O Serviço Educativo desenvolve ações no âmbito da educação patrimonial, promove a democratização do saber através do alargamento e diversificação de público e atividades, e aposta na qualidade, na eficácia e na melhoria contínua.

MISSÃO

O Serviço Educativo comunica aos diferentes públicos os conhecimentos adquiridos pelos investigadores, sendo o rosto mais visível do Museu Municipal; na sua prática educa para o conhecimento, valorização e preservação do património local, através de uma ação que incentiva a integração e a participação de toda a comunidade. É no Serviço Educativo que reside a essência do Museu Municipal.



COMO USAR A MALETA PEDAGÓGICA

Nesta pasta constam todos os documentos que professor e alunos deverão explorar e que, no final do ano letivo, todos preenchidos, ilustrados e reunidos, constituirão o livro de História e Património de cada um dos elementos da turma.

Foi concebido como uma caixa de ferramentas... tanto nos conteúdos como na forma.

CONTEÚDOS

Pretende fornecer aos educadores algumas atividades que os estimulem a conhecer a importância da História e do Património de cada um dos elementos da turma.







Esta pasta apresenta 3 temas

- ***Eu sou História?***
- ***Eu sou Património?***
- ***Construo um Museu***

Para os quais fornecemos documentação de forma a apoiar o tratamento, no que diz respeito ao debate, à reflexão crítica e à investigação.

Assim, para cada um dos temas disponibilizamos: textos de apoios para alunos e professores, propostas de atividades e exercícios.

SINALÉTICA ADOTADA

Documentos	
Recursos	
Nota	
Para Saber Mais	
Atividades	
Exercícios	

FORMA

- Informar-se sobre cada tema;
- Selecionar temas, atividades e exercícios;
- Destacar e fotocopiar documentos destinados aos alunos;
- Permitir que os alunos tenham um produto do trabalho desenvolvido ao longo do ano.

MAS ATENÇÃO

Ainda que esta pasta pedagógica tenha previstas atividades e respectivos exercícios, não tem de ser seguida de forma rígida.

O que aqui apresentamos são ideias, sugestões, nas quais o educador poderá basear-se, atuando depois de acordo com as características da sua turma e de cada um dos seus alunos.

Sendo assim, as propostas poderão ser modificadas e adaptadas a cada realidade, permitindo agregar outros interesses ou dar continuidade a uma ação já em desenvolvimento, ou enriquecidas com a criatividade de todos os que quiserem trabalhar para a compreensão da afirmação: “Eu sou: História e Patrimônio”.

FINALIZAR...

Porque não reunir tudo e fazer o Livro de História e Patrimônio de cada elemento da turma?

Assim poderão lê-lo muitas vezes, guardar e mostrar a quem quiserem.

É claro que poderão acrescentar mais informação, mais desenhos, muitas fotografias ou até folhas brancas... nas quais será escrito tudo o que o futuro trouxer.

Há tanta coisa para contar... ninguém tem uma História e um Património semelhante.

Nenhum elemento da turma deverá esquecer que é uma pessoa única e muito especial! Todos são História e Património!

... OU CONTINUAR

Foram divertidas as descobertas sobre a História e o Património individual dos alunos da turma?

Porque não, ir agora à descoberta da História e do Património Cultural Local e Nacional?

Boas viagens!

BIBLIOGRAFIA

ARIÉS, Philippe – **O Tempo da História**, Lisboa: Rêlógio de Água, 1992.

BALLART, Josep – **El patrimonio histórico y arqueológico: Valor y uso**, Barcelona: Ariel, 1997

BLOCH, Marc – **Introdução à História**, Porto: Porto Editora, 1993.

FEBVRE, Lucien – **Combates pela História**, Lisboa: Editorial Presença, 1989.

KESSEL, Zilda – **A construção da Memória na Escola: Um estudo sobre as relações entre Memória, História e Informação na Contemporaneidade**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade e São Paulo, 2003. (Dissertação do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação).

LE GOFF, Jacques – Memória. in **Enciclopédia Einaudi**, 1. Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1984.

MANNING, Mick, GRANSTROM, Brita – **Make your own Museum**. London: Franklin Watts, 2003.

MEM, Fox – **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 2003.

PORTILLO, José António – **O Relógio que se encontrou entre os entulhos de uma casa em ruínas**. Lisboa: Kalandraga Editora, 2005.

SAINT – EXUPÉRY, Antoine de – **O Príncipezinho**. Lisboa: Editora Caravela, s.d.

SANTOS, Maria Célia M. – **Museu e comunidade: uma relação necessária**, *Biológico*, S. Paulo, v. 62, n. 2, Jul/Dez., 2000.

SILVA, Augusto Santos – **Museu e Educação: Uma questão de responsabilidades e vantagens recíprocas**. in **Encontro Museu e Educação**: Actas. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2002.

SOARES, Luísa Ducla – **Antes, Agora, Depois**, Lisboa: Terramar, 2005.

VIDIGAL, Luís – **Os Testemunhos Orais na Escola – História Oral e projectos Pedagógicos**. Porto: Edições ASA, 1996.



**Caderno
1**

Eu Sou História



OBJETIVOS

- Conhecer a própria História e a do outro, valorizando-a e respeitando-a;
- Compreender a importância do significado que damos às pessoas;
- Reconhecer-se como agente indispensável no processo histórico.

O QUE É HISTÓRIA?
O QUE ESTUDA?
COMO?
PARA QUÊ?

Todos os homens e mulheres têm a mesma origem, mas a sua maneira de ser, o meio que os acolhe, a forma como crescem faz com que todos sejam diferentes e sigam percursos distintos.



O que têm em comum?

Todos eles crescem, sonham, constroem, trabalham, festejam.

Que ciência estuda este percurso, esta viagem do Homem? A HISTÓRIA.

HISTÓRIA

Palavra que em todas as línguas românicas e em inglês deriva do grego antigo *historie*. Esta forma deriva da raiz indo-europeia *wid, weid, ver* – aquele que vê. Esta concepção da visão como fonte essencial do conhecimento leva-nos à ideia que o historiador, aquele que vê, é também aquele que sabe. *historie* é pois: procurar.

O QUE ESTUDA?

O que aconteceu todas as vezes que houve que fazer-se imperioso apelo à intervenção da História? Surgiu o que é humano (...). **O objecto da história é por natureza o Homem.** Melhor: os Homens. Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos (...) são exactamente os homens que a história pretende apreender.”

Marc Bloch, *Introdução à História*, Porto: Porto Editora, 1993, p., 28.

O que aconteceria se só houvesse presente? Se não guardássemos qualquer memória ou informação sobre o passado?

Não haveria História! A História só existe, porque existe passado e porque a vida do Homem não pode ser entendida fora do seu tempo.

COMO?

“Ciência dos homens dissemos nós. É ainda muito vago. **Temos de acrescentar: dos homens no tempo.** O historiador não pensa apenas o humano. A atmosfera em que o seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração!”

Marc Bloch, *Introdução à História*, Porto: Porto Editora, 1993, p., 29.

Todos nós somos influenciados pelas ideias, pelos costumes, pelos condicionais-mos do momento em que vivemos.



PARA QUÊ?

“Se eu fosse um antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida. Nesta faculdade de apreensão do que é vivo é que reside efectivamente a qualidade fundamental do historiador.”

Marc Bloch, *Introdução à História*, Porto: Porto Editora, 1993, p., 42, e 43.

Mas não é uma mera narração dos acontecimentos, pretende sim: compreender as relações, as causas e as consequências... de tudo o que aconteceu.

O PRESENTE é sempre uma consequência de algo que aconteceu no passado.

O objetivo é: compreender o presente através do passado!

Quando olhamos para a nossa vida, podemos estudar o nosso passado, a nossa história, olhando para o presente e colocando questões.

O Homem não se lembra do passado. Reconstrói-o sempre (...). Ele não conserva o passado na memória, como os gelos do Norte conservam (...) os mamutes milenários. Parte do presente – e é sempre através dele que conhece, que interpreta o passado (...). **Interpreta. Organiza. Reconstitui e completa as respostas.**”

Lucien Febvre, *Combates pela História*, Lisboa. Editorial Presença, 1989 p., 25,26.

Eu chamo-me Xavier. Porquê?

Eu nasci em 2001. Porquê?

Os meus pais são o Jorge e a Ana. Porquê?

Eu moro no concelho de Palmela. Porquê?

Frequento a escola de Quinta do Anjo. Porquê?

OS LIVROS DE HISTÓRIA

Existem outros porquês para os quais os nossos familiares não terão memória, por já terem acontecido há muito tempo, há muitos anos atrás.

O meu país chama-se Portugal. Porquê?

O meu concelho chama-se Palmela. Porquê?

Hoje o Castelo ainda é preservado por ser muito importante. Porquê?

A resposta encontra-se nos livros de História

A *escrita da História: **Historiografia***, permite-nos responder a muitos porquês sobre a história da nossa localidade, do nosso país e do mundo.

Não devemos cansar-nos de colocar a questão: **Porquê?** Pois a resposta trará a explicação para muito do que é a nossa VIDA.

Recordamos que a História estuda o percurso de vida de todos os Homens, o que contempla cada um de nós.

Porque não fazer a História de todos os elementos da turma?

Avancemos então!

SUGESTÕES

- A História estuda todos os homens por cada um deles ser único e ter um percurso distinto:

 Atividade 1 - **EU SOU ÚNICO**

- Todos existimos no tempo: passado presente e futuro:

 Atividade 2 - **EU E O TEMPO**

- A Historiografia é a escrita da História e a interpretação dos acontecimentos:

 Atividade 3 - **ERA UMA VEZ... EU!**

- Responde aos porquês do presente, para o explicar.

 Atividade 4 - **PORQUE ME CHAMO ASSIM?**

 Atividade 5 - **COMO É A MINHA FAMÍLIA?**

 Atividade 6 - **COMO CRESCI?**

 Atividade 7 - **O QUE ACONTECE NO MEU MUNDO?**

 ATIVIDADES

1. EU SOU ÚNICO

Objetivos: – Identificar-se como um ser único e especial;

– Perceber e valorizar as diferenças e as semelhanças de cada elemento da turma.

Materiais: fichas de exercícios e material de desenho.

Tarefas: Nesta atividade o educador deverá refletir sobre as diferenças e semelhanças que existem em cada aluno da turma, reforçando não só as características únicas, mas também as semelhanças que possam existir entre alguns deles.

 EXERCÍCIOS

Ficha 1 – O educador deve convidar os alunos a colocar o seu nome, idade e localidade, bem como colar uma foto na respectiva ficha.

Depois de reunir as fichas o professor poderá explorar as semelhanças tais como:

– NOME, IDADE, LOCALIDADE, CARACTERÍSTICAS FÍSICAS e agrupar os alunos. Depois de agrupados, cada aluno, individualmente, apresentar-se-á à turma mostrando as características que são apenas suas e o tornam único.

Ex. Apesar de existirem duas meninas chamadas Ana, não são iguais, nem ninguém as confunde, porquê?

Ficha 2 – Cada aluno fará um autorretrato onde representará a forma como se vê e como é no seu interior. O que gosta, ou não, o que o deixa alegre ou triste. Cada aluno apresentará o seu autorretrato à turma para que os restantes colegas possam identificar-se, ou não, com a sua forma de ser.

Ficha 3 – A imagem que temos de nós nem sempre é aquela que os outros vêem. O que dizem os meus colegas sobre mim? Todos os alunos devem escrever uma frase sobre a forma de ser de cada um dos colegas. Todas as frases deverão ser assinadas.



2. EU E O TEMPO



- Objetivos:** – Perceber o conceito de tempo;
– Compreender que nós existimos no tempo: passado/presente/futuro;
– Relacionar os conceitos: tempo e história.

Materiais: fichas de exercícios 4 e 5.

Tarefas: o educador deverá refletir sobre o conceito de tempo, fazendo entender que todos nós obedecemos ao tempo e só existimos no tempo. No tempo das horas, dos dias, dos meses, dos anos, das estações, do passado, do presente e do futuro.



Ficha 4 – Leitura do texto “O Tempo” e visualização das imagens dos diapositivos “EU E O TEMPO”. Posteriormente cada aluno preencherá a ficha colocando informações sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro. O educador

deverá alertar para os seguintes factos: Só existe História do passado, o presente é muito breve, o futuro ninguém sabe o que pode trazer às nossas vidas. Ninguém pode adivinhar o futuro!

Ficha 5 – Com o apoio do educador, ou dos pais, cada aluno tentará descobrir recursos de que hoje dispõe, que no passado não existiam. Deverá fazer referência às coisas boas do presente como o avanço da tecnologia, televisão, telemóvel, cura de doenças, mas também a elementos menos bons como a poluição ou a violência.

 RECURSOS

“O TEMPO”

O Tempo passa depressa,
sem ter pés, vai sempre a andar.
Digam-me lá, ó meninos,
Quem o consegue agarrar!

Antes, eu era um bebé
Com a carinha gorducha.
Usava fralda, babeto
E nunca largava a chucha.

Mas com o tempo cresci,
agora sou um rapaz.
Pedalo na bicicleta
Com cinco amigos atrás.

Mais tarde serei adulto,
Como os meus pais sim senhor!
Vou ter uma namorada e fazer-me
aviador.

Depois, quando for mais velho,
como o avô e a avó,
hei-de brincar com os netos e
comprar-lhes pão-de-ló.

Tem calendário, relógio,
Quem o tempo quer contar.
Tique! Taque! Tique! Taque!
As horas vão a passar.

Mas quem não usa relógio
Mede o tempo pelo sol,
Como os bichinhos de conta,
A pomba e o caracol.

O dia nasce, é manhã,
Logo que o sol se levanta.
Porque é que acorda tão cedo?
Isso é que me espanta.

Sei quando é meio-dia:
Basta ver o sol a pique.
Com a barriga a dar horas,
Vou fazer um piquenique.

O dia termina à tarde,
Quando o sol cai no mar.
Cansado das brincadeiras,
Também eu me vou deitar.

O tempo então faz-se noite,
Bem escura, escura a valer,
Como um carvão todo preto
Mas com estrelinhas a arder.

Hoje é que eu faço anos,
Na data nunca me engano.
Que pena não fazer anos
todos os dias do ano!

Vou esperar quatro estações
(ai, esperar é um inferno!):
Primavera, Verão, Outono
E lá por fim o Inverno.

A Primavera traz ninhos,
E enche o parque de flores,
Solta no ar borboletas,
Pinta-as de todas as cores.

O Verão é feito de luz,
De calor e muito azul,
Das férias grandes no campo,
Nas doces praias do Sul.

No Outono caem folhas,
Fazem tapetes no chão.
Cheira a castanhas assadas
Na rua ou no fogão.

Inverno branco de neve,
Cinzento de grossas chuvas.
Para eu não ter tanto frio,
Vou já calçar umas luvas.

Quando um ano passar,
Terei então novamente
Um bolo de anos com velas,
E tu vais dar-me um presente.

A minha mãe não me deixa
Correr mundo, viajar.
Mas eu viajo no tempo,
Ninguém me pode ralhar.

Todos, sem comprar bilhete,
Viajam no tempo afinal,
na América, no Japão,
na Rússia, em Portugal.

Aproveita bem o tempo,
que ele não faz marcha atrás.
Que vais fazer do tempo?
De que serás tu capaz?

3. ERA UMA VEZ... EU!



Objetivos: – Perceber o significado e a importância do conteúdo dos livros de História;

- Reconhecer o valor da escrita da História: Historiografia,
- Reconhecer o valor da escrita da própria História.

Materiais: ficha de exercícios 6.

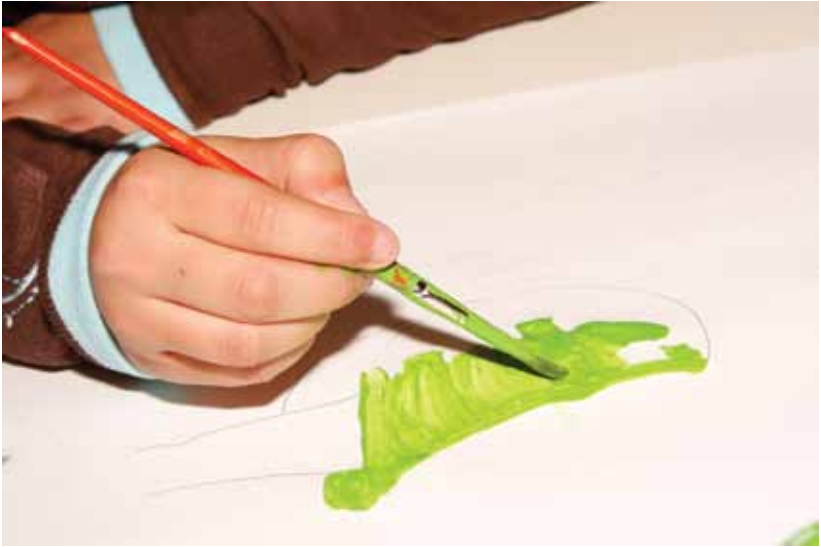
Tarefas: Leitura, ilustração e apresentação ou dramatização dos textos “Era uma vez... um Rei”.

A turma deverá ser dividida em 4 grupos e cada um tratará um rei.

Se o grupo optar por apresentar o seu texto deverá escolher um porta-voz, um redator e um ilustrador. Na explicação poderão obedecer às questões da **Ficha 6**.

Se optar pela dramatização, deverão escolher um narrador, distribuir as restantes personagens e construir os adereços.

O educador deverá realçar o facto destas histórias serem conhecidos apenas porque um dia alguém as escreveu e aguçar a curiosidade dos alunos para a descoberta de outros factos das vidas das personalidades que estudaram.



INICIO DA CRIAÇÃO DO LIVRO DA HISTÓRIA E DO PATRIMÓNIO INDIVIDUAL

O educador deverá sensibilizar os alunos para a importância da escrita da própria História e convidá-los a conceber a capa e a introdução do seu livro de História e Património, que agora começará a ser escrito e ao qual serão anexados os materiais já produzidos.

SUGERIMOS QUE:

Na capa conste: título, local e data.

Na introdução: Aqui irei falar de...

Este livro é muito importante porque...



ERA UMA VEZ UM REI...



D. AFONSO HENRIQUES O CONQUISTADOR

Era uma vez um menino chamado Afonso, Afonso Henriques.

Desde pequeno Afonso tinha um grande sonho: ser rei!

Afonso era uma criança muito destemida e corajosa. Mesmo nas suas brincadeiras não mostrava ter

medo de nada nem de ninguém e não perdia uma verdadeira aventura: adorava trepar às árvores, brincar às lutas, correr atrás dos animais...

Gostava de ir até ao cimo do monte e, lá no alto, olhava à sua volta e sonhava: Quando for crescido, hei-de ser um guerreiro, hei-de travar grandes batalhas contra os meus inimigos, hei-de ser um rei!

Afonso dizia estas palavras com muita convicção e certeza. De facto, começava já a mostrar a sua forte personalidade e como poderia vir a tornar-se num grande homem.

Egas Moniz assistia muitas vezes às brincadeiras de Afonso e ouvia-o falar dos seus sonhos que, mais tarde, o iriam transformar num verdadeiro herói. Por isso, decidiu oferecer-lhe uma espada:

– Toma, é para ti. Vais ver que agora vai ser mais fácil sentires-te na pele de um guerreiro.

Egas Moniz era mesmo seu amigo! Dava-lhe bons conselhos e ensinava-lhe coisas fantásticas. Afinal, foi ele quem ajudou a educar Afonso desde os três anos, altura em que o seu pai morreu.

Afonso Henriques foi crescendo e com ele cresceu também o seu sonho de criança:

– Chegou o momento certo, aquele que sempre esperei. A partir de hoje, vou ser cavaleiro e vou ser eu a defender as terras do Condado Portucalense, que pertenciam ao meu pai.

Sabia que a ideia da sua mãe, D. Teresa, era outra. Ela achava que o ideal era unir o seu condado à Galiza.

– Não pode ser, não posso concordar, mãe. É preciso aumentar as nossas terras, conquistar outras...

Os dois não conseguiram chegar a acordo.

E Afonso chegou mesmo a lutar contra as tropas que apoiavam a sua mãe, vencendo esta batalha e ficando único dono do seu condado.

E desde então, nunca mais parou. Tornou-se num verdadeiro conquistador...

Com o seu cavalo e os seus soldados, partiu de batalha em batalha e começou a conquistar terras em direção ao sul.

Em algumas terras ganhava aos inimigos.

Mandava construir um castelo, mas os seus sonhos não ficaram por aqui e, um dia, confidenciou ao seu amigo Egas Moniz:

– Sabes uma coisa? Só ficarei descansado quando este território crescer até ao mar e se tornar independente. Quero fundar uma nação, um novo país! A coragem e determinação de Afonso Henriques fizeram com que lutasse contra os mouros que viviam há muitos anos no Sul do nosso país.

Travou com eles grandes batalhas e foi na Batalha de Ourique que Afonso Henriques realizou a sua vitória grandiosa.

Nesta difícil batalha, os mouros eram muitos mais do que os portugueses e estes poucas ou nenhuma esperança tinham de vencer.

Mas Afonso Henriques não perdeu o entusiasmo, manejava a sua espada como ninguém e tinha com eles soldados muito valentes:

– Amigos, acreditem, todos juntos seremos capazes de derrotar o nosso inimigo! Vamos avançar, combater e confiar na vitória!

E a batalha durou longas horas e nunca mais chegava ao fim.

Mas a vitória das tropas de Afonso Henriques acabou por acontecer e, com muita satisfação e forma de agradecimento, os soldados fizeram de Afonso o primeiro Rei de Portugal:

– Viva D. Afonso Henriques! Viva o nosso Rei!

E sempre cheio de garra, Afonso Henriques, agora rei de Portugal, não pôs de lado a sua vontade de vencer. As conquistas continuaram e este pequeno condado a que todos chamavam portugalense deu lugar a um novo reino, o reino que todos passaram a chamar Reino de Portugal.



D. MARIA II A EDUCADORA

“Era uma vez uma menina chamada Maria.

Maria tinha olhos grandes, uma pele muito fina e um cabelo brilhante. Era uma criança muito corajosa e cheia de energia.

Ainda muito nova deixou o Brasil onde vivia com os pais e irmãos, rumo a Inglaterra. O seu pai, D. Pedro IV, achava que a sua filha devia conhecer outros países para, um dia, estar à frente de Portugal.

No entanto, Maria morria de saudade de todos. Não conseguia passar muitos dias seguidos sem receber ou dar notícias ao seu pai. Maria adorava-o e qualquer assunto era uma boa razão para pegar numa caneta e numa folha escrever:

“Senhor Meu Pai,

Não imagina as saudades que sinto! Quero dizer-lhe que tenho seguido os seus conselhos, que tenho estudado mais e até já dou menos erros a escrever.

Mas, sabe, apesar de tudo, continuo a achar que tenho muito mais jeito para cantar e para dançar... quando vier visitar-me, gostava de ir consigo a um baile!”

Maria cresceu, tornou-se numa linda mulher e passou a viver em Lisboa. A este gosto pela música e pela dança, veio juntar-se um enorme desejo, o desejo de criar uma família, de ser uma mulher e mãe. Mas nem o facto de Maria ter passado a ser Rainha de Portugal impediu que este desejo se concretizasse. Maria casou e teve muitos filhos.

– Sou rainha, mas também sou mãe. Quero a felicidade do meu povo e a dos meus filhos. Irei educá-los e prepará-los para a vida.

D. Maria andava sempre muito ocupada com os afazeres de rainha, mas a verdade é que adorava estar rodeada pelos seus filhos, contar-lhes histórias e brincar com eles.

D. Maria enchia os filhos de mimos e tudo fazia para que fossem crianças como as outras. Por isso, tinha sempre tempo para belos e longos passeios, com eles, pelos jardins de Lisboa.

– Meus queridos filhos, esta tarde vamos passear outra vez. Vamos ao Jardim da Estrela! Levamos os arcos, as bolas e as bonecas para brincarem com os outros meninos. Vai ser uma tarde em cheio!

D. Maria tinha uma vida muito preenchida, mas havia ainda lugar para a música e para a dança. Sempre que havia um espectáculo, lá ia ela e o seu marido ao Teatro S. Carlos. Ele escolhia a sua casaca azul, com botões de ouro e um colete florido, colocava a sua gravata bem tufada e os sapatos de verniz muito brilhante. Ela escolhia, do seu enorme guarda-roupa, um daqueles vestidos bem volumosos e compridos, cheio de largos folhos e flores coloridas. Penteava os cabelos, prendia-os muito bem, armava-os no alto da cabeça e enfeitava-os com pérolas e brilhantes.

D. Maria II amava as artes e tudo fazia para transmitir esta paixão aos outros.

– Lisboa merece ter um grande teatro, digno de grandes espectáculos e admirado por todos!

Anos mais tarde, no Rossio, nasceu então, uma nova sala de espectáculos, o Teatro Nacional D. Maria II.

D. Maria II revelou-se um exemplo de dedicação, amor e grande coragem. A sua paixão pelas coisas belas da vida levou a que sempre fosse lembrada por todos como uma grande mulher.

D. Maria II

Foi mulher, mãe e senhora

Educou o país e os filhos.

Foi rainha, A EDUCADORA.

Adaptado, *D. Maria II, A Educadora*, Lisboa: Expresso Mais Novos, 2006.



D. JOÃO I O DE BOA MEMÓRIA

Era uma vez um menino chamado João. Ninguém sabia que, um dia, João havia de ser rei, mas todos acreditavam que teria uma vida diferente.

Desde muito novo a sua educação ficou a cargo de uma das mais notáveis ordens religiosas e militares do seu tempo, a Ordem de Avis.

Assim, João cresceu feliz e aprendeu a ser justo, leal, amigo dos seus amigos e defensor do seu reino.

Um dia, um dos frades, o seu melhor amigo, chamou-o. Colocou-lhe nas mãos um

enorme manto branco, ofereceu-lhe o cavalo mais belo e mais veloz que havia no reino e disse-lhe:

– João, aqui descobriste o valor do que é realmente importante! Nunca te esqueças que és o Mestre de Avis!

Os anos passaram e João era agora um homem.

O país estava a viver uma fase difícil, pois era preciso encontrar um rei que garantisse a independência.

O povo sabia das grandes qualidades e do valor de João, o Mestre de Avis. Por isso, não hesitou em escolhê-lo para futuro rei:

– Queremos que o Mestre de Avis seja nosso rei!

Assim, pouco tempo depois, João passava a ser D. João I, Rei de Portugal!

O Rei de Castela sentiu-se ameaçado com esta novidade e, certa manhã, convocou os homens da sua confiança. Furioso, disse-lhes:

– Preciso de juntar o meu exército! Vamos conquistar Portugal!

Ao saber o que o seu vizinho preparava, D. João I apressou-se a pedir ajuda ao seu grande amigo Nuno Álvares Pereira, um militar muito talentoso e inteligente:

– Os castelhanos não deixam Portugal em paz. Preciso de ajuda para combatê-los. Os soldados do Rei de Castela são muitos mais do que os nossos. A luta vai ser difícil. Temos de agir com muita inteligência!

– Não te preocupes! Vou arranjar forma de chegar à vitória.

Ele não se enganava. Quando os inimigos se encontravam no campo de batalha, perto de Aljubarrota, Nuno ordenou às suas tropas que os cercassem, atacando-os por todos os lados. Portugal saiu vencedor e estava, novamente, a salvo.

Esta vitória tinha de ser lembrada para sempre e por isso, D. João I decidiu:

– Vou oferecer um mosteiro ao meu povo. Em nome de todos os soldados que lutaram por Portugal, quero construir, perto de Aljubarrota, o mais belo mosteiro deste país. Será o Mosteiro da Batalha.

Os portugueses ficaram entusiasmados e sentiam-se muito seguros. Tinham o homem certo à frente do país, um homem bom e sensato.

D. João I SENTIA-SE FELIZ. Não tinha pensado em ser Rei, mas o povo chamou por si, escolheu-o, quis que fosse ele. Era muito bom sentir-se querido e amado por todos. Assim, era mais fácil sonhar e fazer crescer Portugal.

D. João, Mestre d' Avis
Foi um rei que fez História.
Por isso o povo o quis
E o fez Rei de BOA MEMÓRIA

Adaptado, D. João I, *O de Boa Memória*, Lisboa: Expresso Mais Novos, 2006.



D. DINIS O REI POETA

Era uma vez um menino chamado Dinis. Era uma criança muito simpática e alegre que passava grande parte do seu tempo a ler poesias e a escrevinhar os seus próprios poemas.

– Que bom que é poder ler estes textos tão bonitos! E se eu tentasse fazer um? Podia falar da Natureza,

das fontes, das raparigas bonitas...

O pai, D. Afonso III, mostrava algum descontentamento com esta ocupação do seu filho. Achava bem mais importante que ele se interessasse por assuntos de um verdadeiro rei. Por isso, dizia-lhe muitas vezes:

– Sabes, Dinis, preocupa-me que passes tanto tempo entretido com esses versos. Devias ter outros interesses... Mais tarde serás Rei de Portugal e não vai ser a poesia que te vai ajudar a combater os inimigos nem a tomar conta do nosso país!

– Mas, pai, não há nada mais bonito que a poesia! A poesia faz-nos dar valor às coisas simples da vida e do mundo... é uma arte, faz-nos ser melhores! Além disso, posso ocupar-me também do reino de Portugal. Prometo que conseguirei!

Alguns anos mais tarde, com 17 anos, Dinis tornou-se o Rei de Portugal:

– Agora vou ter a oportunidade de mostrar que serei capaz. Vou governar o nosso país e torná-lo melhor!

– E assim fez. A verdade é que continuou sempre a escrever os seus poemas, mas o amor pelo seu país e o desejo de fazer de Portugal uma grande nação, nunca abandonaram o seu pensamento.

– Entretanto, chegou a Portugal Isabel de Aragão. Era uma princesa linda, muito inteligente e cheia de elegância. D. Dinis rapidamente se encantou por esta rapariga, apaixonou-se e os dois casaram.

Enquanto D. Dinis se preocupava em fazer de Portugal um país mais desenvolvido, D. Isabel ocupava-se com os mais pobres. Passava os seus dias a ajudar os doentes e a levar comida a quem tinha fome.

Fazia-o discretamente e, num dia de Inverno, quando ia a sair para distribuir pães pelos pobres, foi surpreendida por D. Dinis, que lhe disse:

- Isabel, onde vais e o que levas aí escondido no teu manto?
- A rainha ficou em silêncio e sem saber o que responder. Sabia que o marido não concordava que ela passasse tanto tempo junto dos pobres e teve receio da sua reacção. No entanto, encheu-se de coragem e não hesitou:

– São rosas, Dinis, são rosas!

D. Dinis não queria acreditar:

- O quê? Rosas no mês de Janeiro?
- D. Isabel mostrou-se muito segura e abriu o seu manto. A surpresa foi total... Do seu regaço, choveram rosas lindas que deixaram todos muito espantados. Tinha acontecido um milagre, os pães tinham-se transformado em rosas! Era o Milagre das Rosas!
- D. Isabel e D. Dinis eram muito amados pelo seu povo. Os dois muito fizeram pelo seu país e não se cansavam de procurar novos projectos para o reino.
- Isabel, o que achas de mandar plantar um pinhal para os lados de Leiria, junto à costa? Assim, posso impedir que as areias invadam os campos dos agricultores.
- Parece-me uma óptima ideia, Dinis! Acho que deves avançar!
- De certeza que, desta forma, será mais fácil cultivar aquelas terras.

E não se enganava. Os agricultores ficaram-lhe muito gratos por esta ajuda: os terrenos ficaram mais férteis e as culturas mais ricas..

D. Dinis amava profundamente Portugal, o seu povo e a sua língua. Sabia que não podia ficar por aqui: Tinha sido o início, havia ainda muito para fazer...

Por ter sido um homem notável

E também grande escritor,

Para uns ficou O POETA,

Para outros, O LAVRADOR.

 ATIVIDADES

4. PORQUE ME CHAMO ASSIM?



Objetivos: – Conhecer o significado do seu nome próprio e do apelido, bem como o dos colegas;
– Valorizar a diferença.

Materiais: ficha de exercícios 7.

Tarefas: exploração da ficha de exercícios.

 EXERCÍCIOS

Ficha 7 – Cada aluno deverá pesquisar a História do seu nome próprio e do apelido. Na sala de aula, cada aluno deverá apresentar o resultado das suas pesquisas. O educador deverá salientar a importância do nome, já que é a forma pelo qual todos somos conhecidos e identificados, e explicar que, apesar de existirem nomes iguais, a razão da sua escolha, faz com que cada um seja único.

5. COMO É A MINHA FAMÍLIA?



Objetivos: – Construir a História familiar, apropriando-se das suas referências;

– Ouvir o outro, conhecendo e respeitando a sua História.

Materiais: fichas de exercícios 8 e 9.

Tarefas: preenchimento das fichas de exercícios.

Ficha 8 – Com a ajuda dos familiares, os alunos farão a sua árvore genealógica que partilharão depois com os colegas. Para além dos nomes, cada aluno deverá tentar descobrir a ocupação, a localidade, bem como outras informação sobre cada um dos seus familiares.

Ficha 9 – Com o preenchimento da ficha 9, cada aluno deve perceber que da família a que pertence não herdou apenas o nome, mas também semelhanças físicas ou comportamentais. Todas as pessoas têm alguma semelhança com algum familiar: a cor do cabelo, o formato dos olhos, a teimosia, o sentido de humor...

O educador deve sensibilizar os alunos para importância de cada elemento de uma família, já que todas as pessoas são únicas e especiais, lembrando também que as famílias são todas diferentes.



ATIVIDADES

6. COMO CRESCI?

Objetivos: – Descobrir a História de cada elemento do grupo;

- Compreender o conceito de História;
- Descobrir e Valorizar os factos, as causas e as consequências da sua História e da dos colegas.

Materiais: ficha de exercícios 10.

Tarefas: preenchimento da ficha de exercício.



EXERCÍCIOS

Ficha 10 – Com a ajuda dos familiares, cada uma das crianças deve pesquisar factos da sua vida e preencher a sua cronologia. Na sua investigação deve procurar as ligações entre os factos, identificando as causas e as consequências da sua História.

Ex: 2005 – A Ana veio viver para Portugal (causa).

2006 – Ficou a morar no Pinhal Novo, onde anda na escola (consequência).

 ATIVIDADES

7. A MINHA HISTÓRIA/A HISTÓRIA DO MEU PAÍS

Objetivos: – Perceber que existimos num tempo e num espaço que explica quem somos;

– Descobrir factos da História do país e do mundo em datas especiais para cada um dos alunos.

Materiais: ficha de exercícios 11.

Tarefas: preenchimento da ficha de exercícios.



 EXERCÍCIOS

Ficha 10 – Sugerimos a consulta do sítio na internet: google notícias – arquivo, na ligação:

http://news.google.pt/archivesearch?cf=all&ned=pt-PT_pt&hl=pt-PT&cf=all

Cada aluno poderá pesquisar acontecimentos passados em datas que sejam especiais para si.

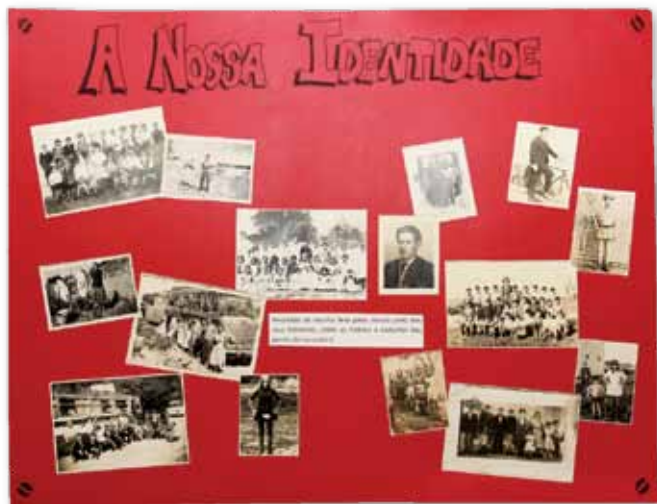
O educador deverá realçar que os acontecimentos do nosso país e do mundo nos influenciam.



**Caderno
2**

Eu Sou Patrimônio





OBJETIVOS:

- Conhecer e apropriar-se do conceito de Património, a partir da valorização dos bens individuais;
- Conhecer e valorizar o próprio património e o dos colegas;
- Distinguir os diferentes Patrimónios;
- Relacionar Património Individual e Património Cultural Coletivo.

DOCUMENTOS

O QUE É PATRIMÓNIO CULTURAL?

“Corresponde a todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial protecção e valorização. Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.”

Lei de bases do Património Cultural

Quem não tem álbuns com velhas fotografias e objetos que não utiliza?
Em muitas casas existem objetos que são guardados, apesar de já não terem utilidade.
Há quem guarde uma caneca especial, apesar de já não beber nela, ou quem guarde brinquedos, mesmo quando já não brinca com eles...





“O TEMPO JOGA CONTRA AS COISAS FÍSICAS TANTO COMO CONTRA AS PESSOAS: UMAS E OUTRAS GASTAM-SE E PERDEM-SE. Mas as coisas que os indivíduos acumulam e lhes sobrevive, sejam objectos frágeis ou objetos resistentes e são transmitidos aos que vêm depois, transformam-se em legado, em património herdado”

Josep Ballart – *El patrimonio histórico y arqueológico: Valor y uso*, Barcelona: Ariel, 1997, p. 20

Ora, se estes objetos não são usados, porque serão então guardados?
Para que servem?

PARA LEMBRAR

São símbolos de algo ou de alguém que não queremos esquecer... mas guardar como registo da nossa história individual.

Todos os alunos devem perceber que:

Tudo o que nos rodeia exerce 3 funções:

Utilitária: Um caderno, um lápis, uma cadeira ou um prato.

Estética: Algo bonito, mas não essencial, como um quadro que colocamos em casa, uma jarra, uma joia...

Simbólica: Pode ser qualquer coisa que, usada ou não, é guardada por trazer lembranças.

Ex.: – *Quando um homem trabalha no campo com uma enxada, este objeto tem uma função utilitária: que é cavar. Se esta mesma enxada estiver exposta num*

museu já não exerce uma função utilitária, mas sim simbólica: é símbolo do trabalho da terra e pode significar um trabalho específico ou todos os homens e mulheres que se dedicam à agricultura.

– Quando em bebês usamos uma chucha esta é-nos útil para adormecer-mos, tendo uma função utilitária. Se, em adultos, ainda guardamos esse objeto é porque nos traz memórias do passado, transformando-se em símbolo da nossa infância.

A nossa memória não é espontânea, nem guarda tudo o que vivemos... por isso, temos fotografias, filmes ou objetos que preservamos como lembrança de momentos felizes.

Precisamos dessa memória para reconhecermos marcos importantes do nosso percurso.

Só valorizamos a chegada quando lembramos o percurso ou os caminhos que nos trouxeram até onde estamos: os desafios, as conquistas, os sonhos, as dificuldades e as pessoas especiais com quem nos cruzamos.



Tal como cada um de nós, a comunidade necessita de História e Patrimônio, através dos quais é reconhecido o seu percurso.



Segundo a tipificação da UNESCO, a lei classifica como Património Cultural:

Bens patrimoniais materiais imóveis:

MONUMENTOS – obras de arquitetura e composições importantes, criações mais modestas, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico artístico e científico, técnica ou social

CONJUNTOS – agrupamento arquitetónicos, urbanos ou rurais, de suficiente coesão, de modo a poderem ser delimitados geograficamente, notáveis pela sua integração na paisagem, ou interesse histórico, arqueológico

SÍTIOS – obras do homem ou do homem e da natureza, espaços característicos e homogêneos de notável interesse histórico, artístico, científico ou social.

Bens patrimoniais materiais móveis:

Todas as obras do homem, da evolução da natureza e da técnica, designadamente, obras de pintura, manuscritos, livros, alfaías.

Bens patrimoniais imateriais:

Práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural.

O património cultural imaterial manifesta-se nos seguintes domínios: tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial; artes do espetáculo e eventos festivos; conhecimentos e práticas relacionados com a natureza; aptidões ligadas ao artesanato tradicional.

PATRIMÓNIO INDIVIDUAL É...

Tudo o que tendo suporte material ou não, móvel ou imóvel, é importante para nós e testemunha o nosso percurso de vida, a nossa História:

Material Imóvel: uma casa, um jardim, uma cidade...

Material Móvel: um anel, uma caneta, um brinquedo, uma carta...

Imaterial: um cheiro, um sabor, um som, memórias...

MAS PATRIMÓNIO É TUDO AQUILO QUE NOS FOI LEGADO?

NÃO!

“O critério de preservação há-de ser sempre o da qualidade (...). Nem tudo o que é antigo no domínio do património (...) merece ser conservado (...) cumpre salvaguardar o que é contemporâneo, desde que em contrapartida, seja dotado daquela qualidade que exigimos no antigo (...). São sinais do nosso tempo e pelos quais somos, é evidente, responsáveis, testemunhos que as gerações futuras hão-de avaliar e aferir a nossa capacidade. O caminho não deve ser o de sobrevalorizar em exclusivo os objectos patinados pelo tempo: temos também que ser exigentes connosco próprios e com o que vai surgindo no nosso horizonte em matéria de obras contemporâneas. A vida não pode parar!”

Jorge H. Pais da Silva, *Preterito Presente*, s.l, Centro Cultural da Beira Interior, s.d, pp., 24 e 25.



O património que nos foi legado é uma parte que chegou até nós por escolha consciente dos homens que nos antecederam. Não há possibilidade, nem faz sentido preservar tudo!

Como se escolhe? Só se protege aquilo de que se gosta e só se gosta daquilo que se conhece. Neste sentido, o 1.º passo será CONHECER!

Só conhecendo entenderemos o significado, ficaremos “cativados” e valorizaremos, não só o património que herdámos, mas também o que vamos legar às gerações futuro.

Mas, como vimos, todos nós temos Património.

O que reunimos e porquê? Porque o valorizamos?

Vamos descobrir!

SUGESTÕES

- Todas as coisas da nossa vida têm várias funções, nomeadamente serem símbolo de algo.

👉 Atividade 8 - **criar laços**

- Todos temos Património... Material Móvel

👉 Atividade 9 - **O MEU TESOURO**

👉 Atividade 10 - **O MUSEU DO TEMPO NO MUNDO**

- Todos temos Património... Material Imóvel

👉 Atividade 11 - **OS MEUS LUGARES, OS NOSSOS CAMINHOS**

- Todos temos Património... Imaterial

👉 Atividade 12 - **O QUE É MEMÓRIA?**

👉 Atividade 13 - **CONSTRUO MEMÓRIA**



8. CRIAR LAÇOS



- Objetivos:** – Entender o conceito de símbolo.
– Encontrar o significado dos objetos que possuímos.

Materiais: ficha de exercícios 12.

Tarefas: preenchimento da ficha de exercícios.

Ficha 12 – Nesta atividade o professor deverá ler o excerto do texto “O Príncipezinho” e refletir com os alunos sobre as seguintes questões: – O que é cativar?

- Se a raposa não come pão, porque é que o trigo é importante para ela?

No seguimento, cada um dos elementos da turma deverá preencher a Ficha 12 tentando encontrar memórias relacionadas com os diferentes objetos.

O professor deverá refletir sobre o conceito de símbolo, relacionando com as distintas funções dos objetos: utilitária, estética e simbólica. Todos os alunos devem encontrar, dentro dos seus pertences, elementos úteis, estéticos e simbólicos.



RECURSOS

O PRINCIPEZINHO

“– Olá, bom dia! – disse a raposa.

– Olá, bom dia! – Respondeu delicadamente o príncipezinho que se voltou mas não viu ninguém.

– Estou aqui – disse a voz – debaixo da macieira.

– Quem és tu? – Perguntou o príncipezinho. – És bem bonita...

– Sou uma raposa – disse a raposa.

– Anda brincar comigo – pediu-lhe o príncipezinho. – Estou tão triste...

– Não posso ir brincar contigo – disse a raposa. – Não me cativaste.

– Ah! Então desculpa! – disse o príncipezinho.

Mas pôs-se a pensar, a pensar, e acabou por perguntar:

– O que é que cativar quer dizer?

(...)

– É uma coisa que toda a gente esqueceu – disse a raposa. Quer dizer que se está ligado a alguém, que se criaram laços com alguém.

– Laços?

– Sim, laços – disse a raposa.

– Ora vê: por enquanto, para mim, tu não és senão um rapazinho perfeitamente igual a outros cem mil rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Por enquanto, para ti, eu não sou senão uma raposa igual a outras cem mil raposas. Mas, se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E, para ti, eu também passo a ser única no mundo...

(...)

– Tenho uma vida terrivelmente monótona. Eu caço galinhas e os homens caçam-me a mim. As galinhas são todas parecidas umas com as outras e os homens são todos parecidos uns com os outros. Por isso, às vezes, aborreço-me muito. Mas, se tu me cativares, a minha vida fica cheia de sol. Fico a conhecer uns passos diferentes de todos os outros passos. Os outros passos fazem-me fugir para debaixo da terra. Os teus passos hão-de chamar-me para fora da toca, como uma música. E depois, repara! Estás a ver aqueles campos de trigo ali adiante? Eu não gosto de pão e, por isso, o trigo não me serve para nada. Os campos de trigo não me fazem lembrar nada. E é uma triste coisa! Mas os teus cabelos são da cor do ouro. Então,

quando tu me tiveres cativado, vai ser maravilhoso! O trigo é dourado e há-de fazer-me lembrar de ti. E hei-de gostar do som do vento a bater no trigo...

A raposa calou-se e ficou a olhar para o príncipezinho durante muito tempo.

– Se fazes favor... Cativa-me! – acabou finalmente por pedir.

– Eu bem gostava – respondeu o príncipezinho, – mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e uma data de coisas para conhecer...

– Só conhecemos o que cativamos – disse a raposa. – Os homens deixaram de ter tempo para conhecer o que quer que seja. Compram as coisas já feitas aos vendedores. Mas como não há vendedores de amigos, os homens deixaram de ter amigos. Se queres um amigo, cativa-me!

– E tenho de fazer o quê? – disse o príncipezinho.

– Tens de ter muita paciência. Primeiro, sentas-te longe de mim, assim, na relva. Eu olho para ti pelo canto do olho e tu não dizes nada.

A linguagem é uma fonte de mal entendidos. Mas podes-te sentar cada dia um bocadinho mais perto...

O príncipezinho voltou no dia seguinte.

– Era melhor teres vindo à mesma hora – disse a raposa. – Por exemplo, se vieses às quatro horas, às três, já eu começo a estar feliz. E quanto mais perto da hora for, mais feliz me sinto. Às quatro em ponto hei-de estar toda agitada e inquieta: fico a conhecer o preço da felicidade! Mas se chegares a uma hora qualquer, eu nunca vou saber a que horas hei-de começar a arranjar o meu coração, a vesti-lo, a pô-lo bonito...

(...) Foi assim que o príncipezinho cativou a raposa. E quando chegou a hora da despedida:

– Ai! – Suspirou a raposa – ai que me vou pôr a chorar...

– A culpa é tua – disse o príncipezinho. – Eu não te desejava mal nenhum, mas tu pediste para eu te cativar...

– Pois pedi – disse a raposa.

– Mas agora vais-te pôr a chorar! – Disse o príncipezinho.

– Pois vou – disse a raposa.

– Então não ganhaste nada com isso!

– Ai ganhei, sim, senhor! – Disse a raposa – Por causa da cor do trigo..."



9. O MEU TESOURO

Objetivos: – Compreender o conceito de Património;
– Distinguir os diferentes patrimónios;
– Apropriar-se do conceito de Património Material Móvel;
– Conhecer e valorizar o seu património e o dos colegas.

Materiais: ficha de exercícios 13 e cada aluno deverá trazer para a sala de aula 1 objeto e 2 caixas com forma e aparência igual.

Tarefas: o educador convidará os alunos a trazerem para a sala de aula um objeto que seja muito importante para si.

Cada aluno partilhará com os colegas o significado do seu objeto, que guardará depois numa das caixas.

No final da apresentação o educador poderá:

- Relacionar a diversidade do conteúdo das caixas com a diversidade do património cultural do concelho, do país ou mesmo do mundo.
- Explicar que os objetos só são importantes, porque transportam um significado.
- Sensibilizar para a importância da diversidade e do conhecimento do outro.
- Realçar que todos temos necessidade de memória.

Para finalizar, o educador recolhe as caixas com os objetos e, sem que os alunos se apercebam, troca-as pelas caixas iguais que se encontram vazias.

Enquanto finge arrumar deve, propositadamente, deixar cair algumas em frente dos alunos.



Os alunos terão várias reações.

Poderão ficar:

- Surpreendidos, pois não esperavam que o professor tratasse assim os seus objetos;
- Preocupados, receando que o seu objeto tenha ficado danificado;
- Tranquilos, pois não eram as suas caixas.

Tendo como base a reação dos alunos pode ser iniciado um novo debate, refletindo sobre as seguintes questões:

- Tudo é importante para todos?
- Quem não considera importante pode destruir? Porquê?
- Quem é responsável pelo Patrimônio?

O educador deve explicar a importância da diversidade cultural, do respeito que lhe é devido e lembrar a responsabilidade que cabe a cada um na valorização e preservação dos bens públicos.

No final, pode ser colocada a seguinte questão:

Se perdesse a memória do significado do meu objeto, que valor teria?

Conclusão a reter: Nenhuns... os objetos são importantes enquanto têm um significado para nós, mas **como os objetos não falam, precisam das nossas memórias.**

EXERCÍCIOS

Ficha 13 – Cada um dos alunos deverá proceder ao preenchimento da ficha. Ficha de inventário de Patrimônio Móvel, compreendendo a importância do registo da memória.



10. O MUSEU DO TEMPO NO MUNDO



- Objetivos:** – Valorizar o seu Património Móvel;
– Compreender a importância da memória dos objetos.

Materiais: ficha de exercícios 14, 1 objeto e material de desenho.

Tarefas: o educador lê o texto “O relógio que se encontrou entre os entulhos de uma casa em ruínas”.

No seguimento, explore com os alunos o seguinte excerto:

“Tempo depois soube que os homens cinzentos, agora, não satisfeitos em roubar o tempo presente e futuro das pessoas, querem também roubar-nos o tempo passado”

Em grupo, respondam à questão: O que poderemos fazer para que tal não aconteça?

Sugerimos que cada aluno selecione um objeto que guarde um momento importante da sua vida, o coloque numa caixa e o enterre num lugar, onde não possa ser encontrado pelos homens cinzentos. Ficará escondido e o seu passado será guardado para sempre.



Ficha 14 – Mas, para que ninguém esqueça a importância, bem como a localização do objeto, deve proceder ao preenchimento da ficha: desenhar o objeto, escrever o que significa e fazer um mapa onde esteja indicado o lugar onde foi enterrado. Tudo isto deve ser muito bem escondido... por causa dos homens cinzentos!



O RELÓGIO QUE SE ENCONTROU ENTRE OS ENTULHOS DE UMA CASA EM RUÍNAS

"Já não me lembro há quanto tempo...

Ao visitar uma cidade situada no sul de Itália

Encontrei nos escombros de uma casa em ruínas, um estranho relógio entre limas-lhas de ferro.

Perto dele havia um cartaz rasgado que dizia:

Bem-vindo à casa de parte nenhuma.

Perguntei a um polícia municipal que se encontrava por ali, se me poderia dar alguma informação

Sobre essa casa em ruínas, sobre esse relógio.

E disse-me, apontando...

Nessa relojoaria,

Cujo dono é um emigrante alemão

Chamado Michael Ende,

Poderão responder-te

Encaminhei-me para lá.

O Sr. Ende escutou o relato desta descoberta

E todas as minhas perguntas com amabilidade.

Quando terminei, pediu-me que lhe deixasse o relógio para investigar e poder encontrar respostas às inúmeras interrogações.

Ao fim de algum tempo, telefonou-me dizendo-me: "Este relógio pertenceu à coleção de relógios do mestre Segundino Minúcio Hora".

Colecionava-os com uma menina chamada Momo.

Tempo volvido, soube que os homens cinzentos, agora, não satisfeitos em roubar o tempo presente e o futuro das pessoas, querem também roubar-nos o tempo passado.

Hoje sempre que me lembro deste episódio,

Sinto uma grande satisfação:

Se não tivesse encontrado nos escombros de uma casa este estranho relógio jamais teria sido escrito. Só que com o passar do tempo a minha memória envelheceu..”

Adaptado, In José António Portilho,
O Relógio que se Encontrou entre os Entulhos de uma Casa em Ruínas, KalandraKa, 2005.

 ATIVIDADES

11. OS MEUS LUGARES... OS NOSSOS CAMINHOS...



- Objetivos:** – Apropriar-se do significado do Património Material Imóvel;
– Identificar o Património Material Imóvel de cada um dos elementos da turma;
– Conceber o mapa dos lugares e caminhos da turma.

Materiais: fichas de exercícios 15 e 16.

Tarefas: o professor deve, juntamente com os alunos, conceber um mapa, onde constem os lugares especiais de cada um dos elementos da turma.

 EXERCÍCIOS

Ficha 15 – Ilustrar, recortar e colar no mapa.

Ficha 16 – Escrever a memória de um lugar especial.

No seguimento da discussão sobre o património material móvel, o educador deverá colocar a seguinte questão: Tudo o que é importante para nós, que conta a nossa história, pode ser transportado?

Os alunos deverão concluir que existem muitos elementos que nos trazem memórias sobre a nossa história que não podem ser movidas, tais como um jardim, a nossa casa, a casa de um familiar, uma serra... Ou seja, para além de Património Material Móvel, existe também Património Material Imóvel.

Para o tratamento desta matéria propomos a construção conjunta de um mapa dos patrimónios imóveis da turma a instalar na sala de aula.

Aconselhamos que o mapa seja tão grande quanto possível, para que possa receber contributos de todos os alunos, no decorrer do projeto e ao longo de todo o ano letivo.

Sugerimos que o educador pesquise com os seus alunos o mapa do concelho, desenhando no mapa da turma a localização geográfica e os limites da freguesia em causa. Para o preenchimento do mapa, propomos que comecem por desenhar o edifício da escola e, em seguida, cada aluno colará os seus lugares especiais. Depois de colados todos contributos, professor e alunos poderão refletir sobre:

– Se vivem perto ou longe da escola, qual o percurso que fazem para chegar à mesma, se utilizam algum meio de transporte, etc. Sugere-se que cada porta ou janela destas casas se possa abrir (através de um pequeno recorte) descobrindo-se a imagem do objeto pessoal que cada aluno escolheu e trouxe para a escola.

E tal como os mapas têm sinalética, também este mapa a deve ter para que todos o possam compreender.

Estimulando a memória do “Eu”, cada aluno poderá desenhar o local, cidade ou país onde nasceu. Ultrapassou os limites da freguesia ou do mapa até então construído? Porque não sair dos limites da folha “invadindo” o espaço envolvente? Continuar pelas diferentes paredes, janelas ou até sair da própria sala de aula?

É da história de vida dos alunos que dependem os diferentes caminhos a seguir!

12. O QUE É MEMÓRIA?



Objetivos: – Apropriar-se do conceito de património imaterial;

- Perceber a importância da memória;
- Aprender a fazer uma entrevista.

Materiais: fichas de exercícios 17 e 18.

Tarefas: leitura do texto e visualização das imagens “O que é Memória?”

Cada criança registará o que entende por memória e todos os registos serão lidos e discutidos.

Ficha 17 – Posteriormente à leitura, todos procederão ao preenchimento da ficha procurando também as suas memórias.

No seguimento, o professor deverá refletir sobre o conceito de memória como património, recorrendo às seguintes questões:

- As memórias que guardo são importantes para a minha história?
- Se são património, por que não lhes posso tocar?

O professor deve recordar os vários tipos de património já estudados (material móvel e imóvel) e explicar o significado de património Imaterial ou Intangível.

Ficha 18 – Ilustrar expressões que utilizamos no quotidiano e que fazem referência à memória.

Posteriormente, deve recolher junto dos que lhe são mais próximos algumas memórias, fazendo entrevistas.

Preenchimento da ficha 19: O que a minha família e amigos recordam sobre mim?

RECURSOS

(1) O QUE É A MEMÓRIA?

(2) Era uma vez um menino chamado Guilherme Augusto Araújo Fernandes que era muito novo...

(3) A sua casa ficava ao lado de um lar de idosos
E ele conhecia todas as pessoas que lá viviam.

(4) Ele gostava da Sra. Silvano que tocava piano.
Ele ouvia as histórias arrepiantes que lhe contava o Sr. Cervantes.

(5) Ele brincava com o Sr. Valdemar que adorava remar.
Ajudava a Sra. Mandala que andava com uma bengala.
E admirava o Sr. Possante que tinha voz de gigante.

(6) Mas a pessoa de quem ele mais gostava era a Sra. Antónia Maria Diniz Cordeiro, porque ela também tinha quatro nomes como ele.
Ele tratava-a por Dona Antónia e contava-lhe todos os seus segredos.

(7) Um dia, o Guilherme Augusto escutou a sua mãe e o seu pai a conversarem sobre a Dona Antónia.

- Coitada da velhinha, disse a sua mãe.
- Porque é que ela é coitada? – Perguntou Guilherme Augusto?
- Porque ela perdeu a memória – respondeu o seu pai.
- Também não é para menos, respondeu a sua mãe, – Afinal, ela já tem 96 anos.

– O que é uma memória? – Perguntou Guilherme Augusto.

Ele fazia muitas perguntas.

– É algo de que tu te lembres – respondeu o pai.

(8) Mas Guilherme Augusto queria saber mais; então, ele procurou a Sr. Silvano que tocava piano.

– O que é a memória? – Perguntou.

– Algo quente, meu filho, algo quente.

(10) Ele procurou o Sr. Cervantes que lhe contava Histórias arrepiantes.

– O que é memória? – Perguntou.

– Algo muito antigo, meu caro, algo muito antigo.

(11) Ele procurou o Sr. Valdemar que adorava remar.

– O que é a memória? – Perguntou.

– Algo que te faz chorar meu amigo, algo que te faz chorar.

(12) Ele procurou a Sra. Mandala que andava com uma bengala.

– O que é a memória? – Perguntou.

– Algo que te faz rir, meu querido, algo que te faz rir.

(13) Ele procurou o Sr. Possante que tinha voz de gigante.

– O que é uma memória? – Perguntou.

– Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro.

(14) Então Guilherme Augusto voltou para casa, para procurar memórias para a dona Antônia, já que ela havia perdido as suas.

(15) Ele procurou uma antiga caixa de sapatos cheia de conchas, Guardadas há muito tempo, e colocou-as com cuidado numa cesta.

(16) Ele achou uma marioneta, que sempre fizera rir toda a gente, e colocou-a numa cesta também.

(17) Ele lembrou-se, com tristeza, da medalha que o seu avô lhe tinha dado e colocou-a delicadamente ao lado das conchas.

Depois achou a sua bola de futebol, que para ele valia ouro;

Por fim, entrou na capoeira e tirou um ovo fresquinho, ainda quente, debaixo da galinha.

(18) Depois, Guilherme Augusto foi visitar a Dona Antônia

E deu-lhe, uma por uma, cada coisa da sua cesta.

“Que criança adorável que me traz essas coisas maravilhosas”, pensou a Dona Antônia.

E então ela começou a lembrar-se.

(19) Ela segurou o ovo ainda quente e contou ao Guilherme Augusto sobre um ovinho azul, todo pintado, que havia encontrado uma vez, dentro de um ninho, no jardim da casa da sua tia.

(20) Ela encostou uma das conchas ao ouvido e lembrou-se da vez que tinha ido à praia de autocarro, há muito tempo, e como sentiu calor com as suas botas de atacadores.

(21) Ela agarrou a medalha e lembrou-se,
Com tristeza, do seu irmão mais velho,
Que havia ido para a guerra e nunca mais voltou.

(22) Ela sorriu para a marioneta e lembrou a vez em que mostrara uma à sua irmãzinha, que riu às gargalhadas, com a boca cheia de papa.

(23) Ela jogou à bola com Guilherme Augusto e lembrou-se do dia em que se conheceram e de todos os segredos que haviam compartilhado.

(24) E os dois sorriram e sorriram, pois toda a memória perdida da Dona Antónia tinha sido encontrada, por um menino que até ainda era muito, mas muito novo.

Em Mem Fox, Guilherme Augusto Araújo Fernandes, São Paulo: Brinque-Book, 2003.

13. SABER OUVIR



- Objetivos:** – Perceber a importância de saber ouvir;
– Compreender a importância da entrevista para a coleta de memórias;
– Construir Memória.

Materiais: 1 novelo de lã, ficha de exercícios 19. Caderno: Construir memória: um recurso para a escola.

Tarefas: Teia da Memória – Os alunos, em pé, formam um círculo. O educador dará um novelo de lã a um deles e sugere que conte uma memória relacionada com o primeiro dia de aulas. Depois do aluno ter contado a sua memória, ele segurará firmemente a ponta do fio de lã e atira o novelo para qualquer outro, que deverá, por sua vez, contar também a sua. Isto repete-se até que todos os participantes fiquem unidos pelo fio de lã. Forma-se assim numa espécie de teia de aranha, simbolizando a constituição do grupo. Depois de todos os alunos terem falado, o novelo de lã deve fazer o caminho inverso. O último aluno a receber o novelo deve enviá-lo ao colega que lho deu, repetindo o que ele disse. Todos os alunos tentarão reproduzir as memórias que foram contadas, até que a teia esteja completamente desfeita.

Antes de iniciar a teia, não diga aos alunos que terão que reproduzir o que os seus colegas dirão, mas alerte-os para a necessidade de estarem bastante atentos.



Caderno: “Como construir memória: um recurso para a escola”

Quando a teia estiver desfeita, a turma deverá refletir sobre o seguinte:

Todos estiveram atentos?

Foi fácil reproduzir o que se ouviu?

Uma forma dos alunos conseguirem informação sobre a sua História, será entrevistando familiares, amigos, professores, todos o que os viram crescer. Mas para entrevistar é necessário saber ouvir!!! Preenchimento da ficha.

ENTREVISTA

Como já vimos, para além da História que encontramos nos livros, existem muitas outras histórias que influenciam decisivamente a evolução da humanidade. E essas histórias são protagonizadas por nós, pessoas que vivem o dia-a-dia segundo hábitos e costumes locais, que diferem de outros em diferentes sociedades.

Porquê, por exemplo, comemoramos o Natal junto da família e habitualmente comemos “bacalhau com todos”? Porquê, noutras locais do nosso país, a noite de Natal é passada junto a uma fogueira, numa praça? Será que o Natal celebrado pelos nossos avós era igual àquele que hoje vivemos?

Estes são apenas alguns exemplos do muito que pode ser descoberto sobre a história das famílias, através da técnica de entrevista.

As perguntas que fazemos levam-nos numa viagem pelo passado, conduzida pela memória da pessoa que estivermos a entrevistar. E as memórias que recolhermos serão muito importantes para a pesquisa que desenvolvemos porque nos darão mais informação e nos ajudarão a conhecer e compreender mais profundamente determinado assunto.

Para tal, devemos seguir alguns passos muito importantes, que nos ajudarão a organizar o nosso trabalho.

COMO FAZER UMA ENTREVISTA

1.º Escolher e estudar um tema de trabalho

Em função do trabalho que tens para desenvolver, escolhe um tema sobre o qual incidirá a tua pesquisa. Depois de algum estudo, terás conhecimentos suficientes para poderes passar para a fase seguinte.

2.º Fazer um guião de entrevista

Deves escrever algumas perguntas num papel que depois te acompanhará durante a entrevista. A esse papel chamamos **guião de entrevista**.

O guião deverá conter não apenas as questões diretamente relacionadas com o teu trabalho, mas também outras que te ajudem a complementar a informação. É essencial que as primeiras perguntas sejam as de identificação pessoal, tal como o nome e idade do entrevistado, o local onde nasceu, onde vive, etc. No final, mostramos-te um exemplo de um guião que te ajudará a construíres o teu.

Mas, o guião servirá apenas para te apoiar e não para ser seguido com rigor, pois se te preocupares muito com ele não vais prestar atenção à pessoa que estás a entrevistar e, para além de perderes muita informação como a expressividade da pessoa que sorri ou fica triste à medida que vai recordando, ela também poderá achar que estás a ser mal educado por maneres os olhos num papel.

Assim, aconselhamos-te a, após estudares o assunto, memorizares algumas perguntas mais importantes e, durante a entrevista, colocares o guião no teu colo para quando aches realmente necessário dares uma espreitadela.

3.º Seleção do entrevistado

Todas as pessoas têm muito para nos ensinar, mas algumas dominam melhores assuntos que outros. Em função do teu tema, poderás selecionar um ou mais entrevistados que te ajudem a compreender melhor o assunto e que te forneçam informações importantes para a tua pesquisa. Por exemplo, se quiseres saber algo

sobre a tua história, deverás escolher uma pessoa que tenha acompanhado o teu crescimento, pois tem mais informações para te dar.

4.º Seleção do local da entrevista

O local da entrevista é muito importante, sobretudo se tivermos em conta o bem estar da pessoa que vamos entrevistar. Se optarmos por um local muito distante ou completamente desconhecido, a pessoa poderá opor-se ou sentir constrangida durante a entrevista, e por isso esta não irá correr como esperarias. Por outro lado, também tu poderás, por diversas razões, estar impossibilitado de te deslocar muito longe. A escolha do local deve, por isso, ser sempre fruto de uma decisão conjunta do entrevistador e entrevistado.

5.º Preparação do local e material da entrevista

Existem diferentes tipos de materiais que podes utilizar para fazer uma entrevista e recolher a informação. Desde os simples papel e caneta, passando pelo gravador ou câmara de filmar.

Não sendo possível utilizar uma câmara de filmar, o ideal é a utilização de um gravador porque, para além de ficares protegido do risco de perderes parte da informação, poderás, mais tarde e mais calmamente, voltar a ouvir a entrevista e trabalhar a informação recolhida para o teu projeto.

De qualquer maneira, antes da entrevista, tens que preparar todo o material necessário. No caso do gravador, por exemplo, terás que ter em atenção as pilhas e a duração da cassete.

Outros elementos são também importantes. Não poderão existir ruídos no local porque vão fazer interferência com o som da cassete e, se optares por uma câmara de filmar, tens de confirmar que a câmara não fica na direção da luz do sol porque a imagem vai aparecer esbranquiçada e não vais conseguir ver o entrevistado. Isto é muito importante se quiseres utilizar a filmagem numa exposição sobre o trabalho que estás a desenvolver.

6.º Entrevista

Antes da entrevista começar é necessário explicar ao entrevistado porque é que ele está ali e porque é que o seu contributo é muito importante para o trabalho que estás a fazer. Assim a pessoa vai ter consciência da sua responsabilidade.

Durante a entrevista deverás estar o mais calmo possível a colocar as questões, para que a pessoa perceba o que queres perguntar.

Nunca deves insistir porque existem assuntos sobre os quais as pessoas não querem falar. Não deves fazer perguntas que à partida induzam a uma resposta, como por exemplo: “Não acha que quando eu era pequenino, era muito bonito.” Neste caso deverás perguntar: “Como é que eu era em pequenino?”

Também é muito importante respeitarmos sempre o nosso entrevistado. Pode acontecer dar-te vontade de rir em algum momento por achares a informação engraçada. Nesse caso só o podes fazer se o entrevistado também achar graça, porque se ele estiver sério, tens que te conter para não ferir os seus sentimentos. Estes aspetos são ainda mais importantes se se tratar de uma entrevista de grupo. Se todos os teus colegas fizerem barulho ou começarem a rir, o entrevistado vai sentir-se mal e pode inclusivamente interromper a entrevista. Assim, todo o trabalho que tiveste vai por água a baixo.

Durante a entrevista deves também ter contigo os seguintes materiais:

Ficha de identificação Pessoal

Quando entrevistares alguém deves sempre preencher esta ficha, para que não esqueças as informações pessoais dos teus entrevistados.

Ficha de inventário de Património Material Móvel

Inventariar é descrever com muito pormenor alguma coisa. Se o teu entrevistado tiver algum objeto importante, utiliza a ficha e escreve tudo o que ele disser sobre essa peça.

Ficha de inventário de Património Material Imóvel

Se o teu entrevistado falar em alguma casa, com a ajuda desta ficha, localiza-a e descreve-a com toda a informação que conseguires.

Ficha de inventário de Património Imaterial

Se conheces muitas pessoas que gostarias de entrevistar, utiliza esta ficha e descreve cada uma delas, dizendo também o porquê do teu interesse.

Ficha de fotografia

Se o teu entrevistado possuir fotografias que consideras importantes para que se

perceba melhor a entrevista, utiliza esta ficha e nela cola a fotocópia da fotografia, bem como a descrição da imagem. (ver anexo 16)

Autorização para uso de imagem, som de voz, nomes e dados pessoais em trabalhos escolares

No final da entrevista pergunta-lhe se autoriza que utilizes as informações que te deu, assim como as fotografias e/ou outros objetos que te emprestou. Se a resposta for positiva pede-lhe que assine este documento.

7.º Transcrição da entrevista

Por transcrição entendemos a passagem a escrito da entrevista. Se a entrevista for muito longa, podemos optar por transcrever apenas as partes que consideramos mais importantes.

Durante a transcrição vais perceber que a oralidade é muito diferente da escrita e que algumas expressões utilizadas enquanto falamos, não são iguais às palavras que escrevemos. Nestes casos, deverás alterar a palavra falada para a palavra escrita de forma correta. Damos-te um exemplo: é comum as pessoas dizerem “adepois” mas a palavra correta é “depois”. E é assim que deves escrevê-la. Vais ver que a transcrição, é sem dúvida, um bom exercício de português.

BOM TRABALHO!

EXEMPLO DE GUIÃO DE ENTREVISTA

- 1) Como é que se chama?
- 2) Quantos anos tem?
- 3) Onde é que nasceu?
- 4) Qual o nome dos seus pais e avós?
- 5) Onde é que nasceram?
- 6) Quais eram as suas profissões?
- 7) Com que idade começou a trabalhar?
- 8) Que profissões teve ao longo da sua vida?

A TUA HISTÓRIA

- 9)** Quando é que me conheceu?
- 10)** Como é que eu era em bebé?
- 11)** Onde é que eu nasci?
- 12)** Como é que os meus familiares reagiram ao meu nascimento?
- 13)** Gostava de quê?
- 14)** Qual era o meu brinquedo favorito?
- 15)** O que é que me fazia rir?
- 16)** O que é que me fazia chorar?
- 17)** Como foi o meu primeiro natal?
- 18)** Quando é que nasceram os meus primeiros dentes?
- 19)** Quais foram as primeiras palavras que eu disse?
- 20)** Como foi a minha primeira ida à praia?
- 21)** Onde foram as minhas primeiras férias?
- 21)** Quem foi o meu primeiro amigo?
- 22)** Quando é que aprendi a ler?
- 23)** Como foi o meu primeiro dia de escola?
- 24)** Existe mais alguma coisa que queira contar sobre mim?



**Caderno
3**

Construo um Museu



OBJETIVOS:

- Conhecer e apropriar-se do conceito de Museu;
- Visitar um Museu;
- Construir um Museu.

O QUE É UM MUSEU?

“É uma instituição permanente, sem objetivos lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que produz investigação sobre os testemunhos materiais do Homem e do seu ambiente que, uma vez adquiridos, são conservados, divulgados e expostos, para fins de estudo, de educação e de deleite.”

ICOM

(Conselho Internacional de Museus, criado em 1946, organismo de carácter não governamental, cujo objetivo principal é a promoção e o desenvolvimento dos museus em todo o mundo)

MUSEU TAMBÉM É...

“... Uma instituição ao serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve (...), pode contribuir para o compromisso destas comunidades na acção, num quadro histórico que permita esclarecer os problemas actuais, isto é, ligando o passado ao presente.”

Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972



A palavra **Museu** deriva da palavra grega **Mouseion** que significa Templo das Musas. Musas que contavam e cantavam o passado!

Existem muitos tipos de Museus:

História, Arqueologia, Arte, Etnografia, Ciência, Natureza,...

Em todos eles, temos oportunidade de aprender coisas, fazer muitas descobertas!

Muitos museus surgiram por causa de coleções!



O colecionismo esteve presente em todas as épocas históricas, estando aí a origem dos museus. Colecionar é tão antigo como a noção de propriedade individual e foi fomentado por todas as culturas e instituições. As coleções de Faraós, Imperadores, Reis, Igrejas... refletem as suas diferenças e os diversos interesses de ordem política, social ou religiosa.

Muitos colecionadores oferecem as suas coleções a Museus, para que aí sejam conservadas, investigadas e expostas.

PARA SABER MAIS

Consulte...

Sobre a origem de peças que se encontram nos Museus Nacionais

Página web do MATRIZNET

<http://www.matriznet.ipmuseus.pt>



NO MUSEU MUNICIPAL DE PALMELA **ESCUPTURAS DE S. TIAGO**

A coleção de escultura de Santiago, que lá se encontra exposta, pertencia a uma família – Vilhena. Foi oferecida ao Museu Nacional de Arte Antiga em 1981, e encontra-se depositada no Museu Municipal de Palmela desde 1998.

A Exposição é considerada uma das funções prioritárias dos museus, embora as essenciais sejam a recolha, inventariação, recuperação, classificação e preservação dos objetos. Os museus e os seus objetos vivem, também, em função duma apropriação coletiva que os valoriza enquanto valores a preservar dum património comum.

Daí o interesse das exposições, enquanto iniciativas de comunicação ou divulgação, essenciais para os serviços educativos de um museu.



Neste trabalho:

Durante um tempo estudam-se, aprofundam-se conhecimentos respeitantes a determinada temática. Verificam-se as peças do museu, a informação que existe sobre elas, o seu estado de conservação e, com conhecimento e criatividade, constrói-se uma exposição que explique os objetos.



QUEM VISITA A NOSSA CASA, TAL COMO
QUEM VISITA UM MUSEU, APRENDE
MUITAS COISAS, FAZ DESCOBERTAS...
SOBRETUDO SOBRE A NOSSA VIDA!

TODOS NÓS SOMOS COLEZIONADORES

Todos nós guardamos muitos e vários objetos porque:

- Traduzem memórias da nossa História;
- São bonitos;
- São raros e valiosos.

Atualmente são património privado, mas, um dia, ainda poderão integrar um Museu local, ou nacional.



AS NOSSAS CASAS SÃO PARECIDAS COM UM MUSEU

Um museu adquire, conserva e expõe alguns objetos para que todos vejam e guarda muitos outros nas suas reservas. Nós, não só adquirimos e conservamos, como também expomos. Senão repara, temos louça escondida dentro de armários, álbuns cheios de fotografias guardados em gavetas, mas o que queremos ver e mostrar colocamos em cima dos armários ou nas paredes em molduras.

SUGESTÕES

- Qual é o nosso conceito de Museu? Que Museus conhecemos? Visito um Museu.

 Atividade 14 - **MUSEU? O QUE É?**

- Todos nós temos algo para mostrar e ensinar. Todos nós podemos conceber e construir um Museu.

 Atividade 15 - **CONSTRUO UM MUSEU!**



ATIVIDADES

14. MUSEU: O QUE É?



- Objetivos:** – Refletir sobre o que se entende por Museu;
– Refletir sobre os museus que conhecem;
– Visitar um Museu.

Materiais: fichas de exercícios 20 e 21.

Tarefas: no seguimento da atividade anterior, reflita com os alunos sobre o conceito do museu.



EXERCÍCIOS

Ficha 20 – Distribua e preencha a ficha e convide-os a escreverem sobre o que acham ser um museu, a recordarem os museus que já visitaram e a desenharem um museu que gostaram, ou mesmo um museu imaginário, que gostariam que existisse.

Ficha 21 – Visite um Museu! E não se esqueça de distribuir a ficha.

PARA SABER MAIS

Consulte...

Sobre Museu Municipal de Palmela

Página Web da Câmara Municipal de Palmela: <http://www.cm-palmela.pt/>

Sobre Museus Nacionais

Página Web do Instituto Português de Museus: <http://www.ipmuseus.pt/>

VISITAR UM MUSEU



Para que uma visita a um Museu seja um êxito, é indispensável estar atento a várias ações.

PREPARAÇÃO

- O educador deve realizar uma visita preparatória ao local;
 - Resposta à ficha “Vou Visitar um Museu” para perceber as mudanças de atitudes, conhecimentos e comportamentos dos estudantes relativamente ao local que visitam;
 - Preparação dos estudantes para atividades especiais, tais como recriações históricas, narração de contos e lendas;
 - Planificação do trabalho que os alunos farão após a visita;
 - Solicite apoio aos técnicos do serviço educativo do museu, se os houver;
 - Se existir material educativo acerca do local, requisite-o e explore-o com os alunos;
 - Reúna todas as informações práticas sobre o sítio: preço da entrada, horário de abertura ao público, se existe monitor, autorização para tirar fotografias, cafetaria, loja, sanitários e perceba quantos alunos são permitidos em cada visita e se é necessário dividir a turma em grupos;
 - Marque a sua visita com antecedência, para garantir que é realizada na altura que deseja e faça chegar ao museu os dados sobre o seu grupo: número de alunos, nível de escolaridade, instituição, localidade e contactos.
- Casa algum elemento do grupo tenha alguma necessidade especial, não se esqueça de a referenciar.

DURANTE A VISITA

No caso de:

- Ter hora marcada, seja pontual;
- Ser guiada, esteja atento às informações do monitor e estimule os alunos a colocarem todas as questões preparadas previamente ou que surjam durante a visita;
- Fotografe os alunos durante a visita;
- Alerta os alunos para aspetos como: limpeza, segurança, acessos...;
- Preencha a ficha: “Vou Visitar um Museu”;
- Sempre que houver ficha de avaliação preencha-a referindo sempre o que gostou mais e o que gostou menos, e fazendo sugestões de melhoria.

APÓS A VISITA

- Converse com os seus alunos sobre o que viram e aprenderam, e sobretudo sobre o que gostaram menos e o que gostaram mais;
- Se quiser realizar uma exposição, convide os alunos a transformar os desenhos que fizeram durante a visita em pinturas ou esculturas com maior dimensão; junte as fotografias da visita;
- Sugira aos seus alunos que escrevam artigos sobre a sua visita para o boletim da escola ou para um jornal local;
- Solicite sugestões para visitas a outros museus.



ATIVIDADES

15. CONSTRUO UM MUSEU



Objetivos: – Refletir sobre a palavra coleção e o ato de colecionar;
– Partilhar informação sobre as suas coleções;
– Conceber e construir um Museu.

Materiais: ficha de exercícios 22; Texto: “Construo um Museu”, Anexo.

Tarefas: o educador deve perguntar aos alunos se têm alguma coleção: Bonecas, berlines, moedas, selos, cromos, bolas, borrachas, lápis, pedras, folhas, borboletas, todas são importantes! Todas podem fazer um Museu.



EXERCÍCIOS

Ficha 22 – Para que o livro de História e Património dos alunos guarde uma memória do Museu, devem preencher a ficha.

FAZER UM MUSEU!!

- Distribua o texto “Construo um Museu”, Anexo VI.
- Solicite que cada aluno construa o seu Museu, mas faça os seguintes alertas:

MUSEU

DE QUÊ, ONDE? O limite será a imaginação...

COMO? Obedecendo a algumas regras, que permitirão a reflexão sobre o funcionamento da Instituição Museu.

ALGUMAS REGRAS

Investigação e Comunicação: Todos os objetos devem ter legendas, para que o visitante perceba o significado do que está a ver. Todos devem pensar sobre o que gostariam que os jornais ou a televisão dissessem sobre o seu museu.

Preservação: Devem decidir se os objetos podem ser ou não tocados, se podem permanecer, ou não, na sala de aula e se podem ser emprestados.

Educação: Quando forem expostos, cada aluno deve explicar a razão porque fez o seu museu e estar preparado para responder a todas as perguntas e curiosidades dos colegas visitantes.

